

**O SÉCULO XIX E SUA IMPORTÂNCIA  
PARA O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA  
NO BRASIL**

Júlio César Ferreira Firmino (UECE)  
[juliofirmino@gmail.com](mailto:juliofirmino@gmail.com)

A gênese desta breve reflexão acerca do século XIX e sua importância para o desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil foi motivada a partir das leituras realizadas, enquanto aluno Especial da Disciplina de lexicografia/lexicologia<sup>1</sup>, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, no semestre 2011.1. Dentre outras atividades, coube-nos a tarefa de compartilhar, com os colegas discentes, parte da obra *Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil*, de autoria do Prof. Sílvio Elia, publicada em 2003 pela Editora Lucerna, mais exatamente, o tópico do capítulo “Séc. XIX – fase independente”.

O prof. Sílvio Elia aborda a questão por três ângulos principais: a) A história: a monarquia; a independência do Brasil; as revoltas populares e a escravidão; b) A literatura: o Romantismo e c) A língua: a questão da língua brasileira; as primeiras gramáticas e a formação de uma identidade linguística nacional.

No esteio destas temáticas, procuramos trazer ao debate o pensamento de outros mestres da filologia e da linguística, a fim de adir mais alguns importantes elementos para a caracterização do período.

Servimo-nos, pois, primeiramente, das ideias do prof. José Leite de Vasconcellos (1901, p. 15 ss.) o qual, em sua clássica divisão da língua portuguesa, qualifica o idioma em uso no Brasil como pertencendo ao grupo dos dialetos ultramarinos. Obviamente, tal classificação geográfico-linguística tem como ponto de referência a própria metrópole, terra natal do mencionado autor. Este lusocentrismo não deve causar espanto visto que grande parte da taxinomia linguística depende, muitas das vezes, da procedência do pesquisador e/ou de seu patrocinador, *vide*, por exemplo, “línguas indo-germânicas”, termo exaustivamente empregado

---

<sup>1</sup> A disciplina foi ministrada pelos Profs. Drs. Antonio Luciano Pontes e Expedito Eloisio Ximenes.

pelos linguistas alemães dos séculos XVIII e XIX tais como: Frederico Schlegel, Augusto Schlegel, Franz Bopp, Jacob Grimm e Frederico Diez.

Como, por definição, um dialeto é “qualquer variedade regional ou social de uma língua a qual é mutuamente inteligível a outros dialetos da mesma língua e que se diferencia em alguns traços definíveis de outras variedades desta língua” (CAMPBELL & MIXCO, 2007, p. 42), devemos, então, cogitar qual seria o ponto a partir do qual principiaria esboçar-se esta variedade regional ultramarina (para utilizar o epíteto do ilustre filólogo português).

Valida esta concepção o prof. Ismael de Lima Coutinho ao afirmar que: “as modificações vigentes, que prometem ser mais profundas à proporção que o tempo for passando, dado o enfraquecimento de nossas relações com Portugal, são já por si suficientes para caracterizar a existência, entre nós, de um *dialeto*” (1976, p. 327).

O século XIX parece assim ser um marco importante para se divisar, não a criação de uma língua brasileira<sup>1</sup>, mas a paulatina e inevitável diferenciação entre a variedade continental (embora o plural pareça ser mais condizente) e a variedade brasileira (aqui o plural também parece ser mais próprio<sup>2</sup>), já que determinadas condições vão concorrendo a fim de concretizar essa cisão, iniciada muito antes como nos chama atenção o prof. Silveira Bueno (1962, p. 221) ao lembrar a progênie dessa dissensão: “... só em 1600, quando os primeiros centros povoados começaram a ter certa vida social, foi que *se iniciaram os choques entre a língua portuguesa invasora, e o substratum indígena (grifo nosso)* a que chamaremos, de modo largo, tupi-guarani”.

Leite de Vasconcellos (*op. cit.*, p. 72) refere-se a várias obras de cunho linguístico-literário produzidas aqui no Brasil no século XIX, tais como:

a) “*Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*”, de Sílvio Romero (1888), trabalho que cita diversos escritos sobre filologia brasileira;

---

<sup>1</sup> Afirma Orlandi (2007, p. 55) que “a identidade linguística, a identidade nacional, a identidade do cidadão na sociedade brasileira traz entre os componentes de sua formação a gramatização do século XIX”.

<sup>2</sup> Neste sentido, também são as palavras de Silva Neto (1976, p. 133): “a língua portuguesa é falada em Portugal e no Brasil. Tanto de um lado como de outro há diferença de lugar para lugar e de classe social para classe social. Temos, portanto, os falares do português de Portugal e os falares do português do Brasil”.

- b) “*Vida Amazônica*”, de José Veríssimo (1887);
- c) “*Diccionario Grammatical*”, de Alexandre Passos (1865);
- d) “*Notas sobre a Lingoa Portuguesa*”, de Pires Ferreira (1894);
- e) notas gramaticais podem ser encontradas na obra de Theófilo Braga (p. xxxiii), B “*Parnaso Português Moderno*” (1877);

f) na própria *Revista Lusitana* há um trecho de uma carta<sup>1</sup>, espécie de artigo, de autoria de Guilherme Studart sobre a linguagem do Ceará, (nº II, p. 272-273) e no mesmo periódico um artigo de Sellin sobre os “portuguesismos” ou “brasilianismos” alemães falados no Brasil pelos colonos originários da Alemanha (V, 189”).

Da listagem apresentada pelo mestre português, um item nos chamou especial atenção, visto que a obra<sup>2</sup> de cunho eminentemente literário (um dos tripés da análise de Sílvia Elia) faz também interessantes considerações a respeito da língua (outro elemento da tríade citada anteriormente). Deste modo, escolhemos pôr em relevo o que Teófilo<sup>3</sup> Braga escrevera em seu livro “*Parnaso Portuguesez Moderno*”, de 1877, a fim de ajudar a compor, mesmo que tenra, uma noção das diferenciações que à época já se iam avolumando, o que atesta, ao mesmo tempo, uma visão *diacrônica* (ao cotejar o passado até a data da escritura da obra) e *sincrônica* (pois documenta importantes autores brasileiros do período) dos movimentos da língua portuguesa, já que o trabalho data do último quartel do século XIX.

Dizia o ensaísta português a respeito da língua portuguesa em solo brasílico: “Na moderna nacionalidade brasileira, a língua também se vae alterando, *constituindo um verdadeiro dialecto portuguez* (grifo nosso); cada um dos elementos da *mestiçagem* (grifo nosso) contribue com suas alterações especiaes” (p. xxxiii)<sup>4</sup>. Se o idioma praticado no Brasil é “ver-

---

<sup>1</sup> O artigo fala especialmente acerca das coincidências vocabulares de determinadas regiões portuguesas e a realidade cearense. A fim de difundir material tão invulgar, fizemo-lo recorte, anexando-o ao final deste estudo.

<sup>2</sup> Embora sendo bastante antiga, tivemos acesso à íntegra do trabalho.

<sup>3</sup> Ainda grafado na edição original *Theophilo*.

<sup>4</sup> Optamos por transcrever *ipsis litteris* as citações do autor lusitano, bem como as de outros autores posteriormente referidos, o que pode causar certa espécie aos leitores, sobretudo no tocante à ortografia contemporânea.

dadeiramente” uma deriva daquela praticada na metrópole, Braga corrobora, assim, com o que fora anteriormente exposto, no tocante à classificação da língua falada no Brasil como um *dialeto de além-mar*.

Para ilustrar tal *miscigenação* (nomeadamente entre os europeus – brancos –, índios e negros), Braga (1877, p. xxxiii) serve-se de uma passagem da obra “*O Selvagem – Curso da Lingua Geral Segundo Ollendorff*”, editado no Rio de Janeiro pela Typographia da Reforma, no ano de 1876, mais precisamente do capítulo I – Curso de lingua tupi –, do dinamense José Vieira Couto de Magalhães, na qual se lê:

Os sertanejos dizem: *Elles estão falla fallando*, para indicar que elles estão fallando muito. Numerosas formas da lingua tupi passaram para o portuguez do povo; e como é o povo quem no decurso de seculos elabora as linguas, essa se hade transformar ao influxo principalmente d’essa causa, de modo que *dia virá em que a lingua do Brazil será tão diversa do portuguez quanto este é do latim* (grifo nosso).

Muito embora o vaticínio do folclorista das Alterosas não se tenha plenamente concretizado, *de facto*, há certas dissimilaridades reconhecidas brasileiras em comparação ao idioma falado em Portugal, tal como pode ser visto, por exemplo, em Coutinho (1976, p. 322-341); Teyssier (1982, p. 62-75) e Silva Neto (1962, p. 127-144).

Braga (*op. cit.*, p. xxxiii-xxxv) desenvolve, com exemplos, o aserto de haver dessemelhanças entre a língua portuguesa no Português do Brasil e a de Portugal, muito embora determinadas afirmações encontrem questionamentos (*vide* as notas de rodapé) por parte de outros estudiosos:

- a) O elemento colonial modifica a accentuação fonética<sup>1</sup>, de um modo mais exagerado do que nas ilhas dos Açores<sup>2</sup>;
- b) O som do *s*, como o *ch* gallego, torna-se sibilante e mavioso, sobretudo nos pluraes<sup>1</sup>;

---

<sup>1</sup> O prof. Serafim da Silva Neto (1976, p. 88-89) chama atenção, citando Monte Carmelo (*Compêndio de Ortografia*, 1757, p. 128), para o fato de que no Brasil havia a confusão de acentuação, inclusive, apontando para uma interessante hipótese de investigação, segundo a qual “Terá alguma relação com a perda da consciência dessa pronúncia aberta decorrente de crase antiga [adcaleescêre > a-caecer > aqueecer > aquêcer], a atual pronúncia aberta de pretônicas, tão características do Nordeste?”.

<sup>2</sup> Sobre a questão da fonética do dialeto açoriano recomendamos a leitura de Leite de Vasconcellos (1901, p. 155-156).

- c) As construções grammaticaes distinguem o *se* condicional do reflexivo *si*<sup>2</sup>;
- d) Os pronomes precedem os verbos: *Me disse*, em vez *disse-me*<sup>3</sup>;
- e) No vocabulário, o portuguez conserva os seus provincianismos actuaes, e os archaismos do tempo da colonisação<sup>4</sup>;

<sup>1</sup> Fonseca (1959, p. 121) afirma: “O s final de sílaba ou de palavras não se profere *ch* ou *j*, como entre nós (portugueses), mas como *ç* (final ou antes de consoante surda) e como *z* (antes de consoante sonora): *bastar* (baçtar), *asma* (azma), *livros* (livruç)”.

<sup>2</sup> Embora Fonseca (1959, p. 121) afirme: “A conjunção *se* tem a forma *sê*”.

<sup>3</sup> Interessante a fala transcrita por Silva Neto (1976, p. 227) do egrégio mestre e dicionarista Antenor Nascentes: “Eu não marco erros de colocação de pronomes”, frisado com mais intensidade por Silveira (1962, p. 225-227), especialmente quanto ao uso de a) “*vi ele*”; b) “emprego de pronomes oblíquos em lugar de retos” e c) “colocação pronominal”, o qual reclama: a) “O emprêgo do pronome reto em função de complemento objetivo, uso comuníssimo entre nós, encontramos-lo também nos autores portugueses, quer preposicionado ou não”; b) “Os melhores escritores portugueses, desde os archaicos até os românticos, todos empregaram tais casos oblíquos pelos retos, não consistindo, portanto, tal uso peculiaridade do Brasil” e c) “Não há um caso sequer dos apontados como brasileirismos que não encontre farta documentação nos principais autores portugueses e da melhor época”. Ainda para reforçar esta tendência brasileira, deve-se recordar o poema “Pronominais”, do genial Oswald de Andrade, precursor do movimento modernista, o qual dizia (grifos nossos):

Dê-me				um			cigarro
Diz				a			gramática
Do		professor		e		do	aluno
E		do		mulato			sabido
Mas	o	bom	negro	e	o	bom	branco
Da			Nação				Brasileira
Dizem		todos			os		dias
Deixa				disso			camarada
Me dá um cigarro							

<sup>4</sup> O prof. B. E. Vidos (1968, p. 192-193) chama atenção para o fato de que em todos os territórios colonizados a língua é mais homogênea de que na pátria de origem. A razão para tal amalgamação é que nos territórios colonizados não se importa apenas um dialeto, mas todos os dialetos possíveis do país de origem, donde resulta, precisamente, uma língua intermediária, uma variedade *ad usum omnium*, que forçosamente tem que ser mais homogênea que a língua do país originário. O arcaísmo verificado no Brasil também é mencionado por Silva Neto (1976, p. 146-147): “O vocabulário normal brasileiro em muitos casos é conservador: mantém a palavra antiga, substituída em Portugal por uma inovação moderna...” “A pronúncia brasileira, em geral, repousa sobre um sistema fonético muito antigo e de aspecto urbano (o que vale dizer, sem regionalismos) pois, como se viu, ela não apresenta, por exemplo, nem as antigas africadas, nem as apicais, que muito provavelmente já não existiam ou estavam em franca degeneração nas principais cidades portuguesas nos séculos XVI e XVII”. Acrescenta ainda o ilustre filólogo fluminense: “Para a estreiteza de horizonte cultural e para o espírito de conservantismo, muito contribuiu o analfabetismo de nossas populações rurais [...] o isolamento condiciona, portanto, um tipo arcaico de vida e, conseqüentemente, uma linguagem mais

- f) Da parte do elemento ante-historico, uma certa indolencia na pronuncia exerce a grande lei da queda das consoantes mediaes e vogaes mudas: assim *senhor* é *siô*; *senhora*, *sinhá*<sup>1</sup>;
- g) Os finais das palavras vão se contrahindo, perdendo os seus suffixos caracteristicos, como *pió* em vez de *peor*; *casá* em vez de *casar*<sup>2</sup>;
- h) Na parte do vocabulario é que se nota mais profundamente a acção do elemento ante-historico, pela profusão innumera de palavras de lingua tupi introduzidas na linguagem familiar de todo o império<sup>3</sup>;
- i) Algumas d'essas palavras (como, por exemplo, *caipira*) vão penetrando na lingua portugueza continental pelo regresso de colonos ricos, assim como nas guerras de Flandres os soldados portuguezes trouxeram esses vocábulos que se chamaram *Frandunagem*<sup>4</sup>.

Braga passa, então, a analisar as transformações idiomáticas em território nacional tendo em vista uma perspectiva diatópica, enumerando os seguintes pontos:

- a) A lucta instinctiva para manter a pureza da língua portugueza<sup>5</sup> está ligada ao facto politico de preponderancia do sangue portuguez na

---

conservadora" (*op. cit.*, p. 186). Asseverando, finalmente: "o isolamento facilitou a estagnação da língua, mantendo-se, pelo Brasil adentro, verdadeiras ilhas culturais" (*ibidem*, p. 188).

<sup>1</sup> Coutinho (1976, p. 330) destaca: "Nota-se que a pronúncia do Brasil é lenta, frouxa e arrastada. As sílabas são proferidas mais distintamente, a ponto de se poderem destacar todos os elementos que as compõem [...] Não é sem razão que se chama à língua do Brasil 'o português com açúcar'".

<sup>2</sup> Leite de Vasconcellos (1901, p. 159) chama atenção para o mesmo fato com outros exemplos: "L' – r tombe: *flô*=flor, *muyé*=mulher, *ardê*=arder, *botá*=botar..."

<sup>3</sup> Bueno (1962, p. 231) corrobora com este pensamento ao declarar: "É a maior influência que não podemos ainda avaliar numericamente. Alguns chegam a dar-lhe várias dezenas de milhares. Mas na língua viva do país, na expressão diária de todos nós, são muitos os empréstimos indígenas sem mencionarmos os nomes de lugares, da fauna, da flora, dos produtos caseiros, dos utensílios familiares".

<sup>4</sup> Frandunagem é hodiernamente grafada frandulagem, farandolagem ou farândola. Escreve o prof. António Vasconcellóz (1900, p. 123) "Depois da descoberta do Brasil o vocabulário de nossa língua foi ampliado com numerosos termos, trazidos das línguas americanas. Ex.: *alpaca*, *arara*, *caipira* (supracitado), *chácara*, *condôr*, *cuia*, *furacão*, *giboia*, *goiaba*, *mandioca*, *pampa*.

<sup>5</sup> Com respeito à esta pretensa língua imácula, Silva Neto (1976, p. 146) afirma: "Mesmo depois da independência (1822), a fidelidade à pureza da língua manteve-se. Fidelidade que muitas vezes chegou ao exagero, numa atitude de purismo intransigente. Bastará recordar, no começo deste século, as discussões calorosas a propósito da legitimidade das formas vernáculas entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro, entre Heráclito Graça e Cândido de Figueiredo – entre dezenas de outro menos

- constituição da nova nacionalidade; assim, na provincia onde o portuguez é mais archaico, em Minas Geraes, o elemento portuguez é puro e continúa a ser catholico como no seculo XVI, e conservador timorato<sup>1</sup>;
- b) Nas provincias onde prevalece o cruzamento de raças selvagens, existe o espirito revolucionário<sup>2</sup>, como em Sam Paulo, e o odio ao portuguez puro como em Pernanbuco<sup>3</sup>.
- c) A capital do Rio de Janeiro pelo seu inextricavel cosmopolitismo está destinada a realizar o accordo de todos estes elementos de autonomia

importantes. A nossa escola parnasiana caracterizou-se principalmente pela perfeição do vernáculo". O esmero ortográfico parece assim mantido, mesmo no mais importante romancista brasileiro do século XIX, pois afirma Alencar (1893, p. 53): "*Se eu tivesse a fortuna de achar officinas bem montadas com hábéis revisores, meus livros sahiriam mais correctos; a attenção e o tempo por mim despendidos em rever, e mal, as provas truncadas, seriam melhor aproveitadas em compor outra obra (grifo nosso)*".

<sup>1</sup> Silva Neto (1976, p. 189-190), comentando acerca deste conservadorismo, afirma: "Ora, viajando para o Brasil, o português foi desarraigado. Provocou-se, desse modo, um desengrançamento de sincronias, do que resultou a ossificação do idioma. Houve em suma, uma fratura na transmissão linguística. Essa fratura foi muito menor no litoral e muito maior no interior..." Em seguida, o prof. Serafim da Silva Neto (*op. cit.*, p. 201) cita August de Saint-Hilaire, naturalista e viajante francês, que atestava: "Diante de tudo o que acabo e expor, não deve causar admiração o fato dos habitantes do interior da provincia de São Paulo falar e pronunciar muito incorretamente o português, ao passo que os do interior da de Minas Gerais, ao menos na parte oriental dessa provincia, falam, em geral, com correção, e têm uma pronúncia que só difere da dos portugueses da Europa em ser mais melodiosa e mais suave".

<sup>2</sup> A propósito deste levante, é interessantíssima a fala de Alencar (1893, p. 49), ao atestar que: "que elle (Mendes Leal – escritor e jornalista português) o dissesse não ha extranhar; pois ainda hoje os *litteratos portuguezes não conhecem da nossa litteratura* (grifo nosso), senão o que se lhes manda de encomenda com um offertorio de mirra e incenso. Do mais não se occupam; uns por economia, outros por desdem. *O Brasil é um mercado para seus livros e nada mais* (grifo nosso)".

<sup>3</sup> O poeta recifense Manuel Bandeira iria se tornar, anos mais tarde, um dos que reclamariam do purismo lusitano, citado por Silva Neto (1976, p. 224), no poema "Evocação do Recife":

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros;  
 Vinha pela boca do povo, na lingua errada do povo,  
 Língua certa do povo,  
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós  
 O que fazemos  
 É macaquear

A sintaxe lusiada.

nacional<sup>1</sup>, cujo sentimento, transparecendo já na litteratura, revela que o destino d'ella é identificar todas as divergencias n'este mesmo sentido.

Por fim, Braga passa a tratar de outro elemento da trilogia posta em evidência por Elia, isto é, das questões afeitas à literatura:

- a) O moderno lyrismo brasileiro representa nas suas fôrmas materiaes ou estrophicas a velha tradição das *Serranilhas*<sup>2</sup> portuguezas tão bem assimiladas pelo turaniano<sup>3</sup> da America;
- b) A ardência explosiva da paixão amorosa, a lubricidade das imagens, a sedução voluptuosa do pensamento, accusam o sangue mestiço, devorado pelo seu desejo, como em Alvares de Azevedo ou Casimiro de Abreu<sup>4</sup>;
- c) A criação definitiva da litteratura brasileira consiste em tornar estes factos conscientes<sup>5</sup>.

Esperamos que os fatos, pensamentos e opiniões aqui coligidos tenham servido para demonstrar, com maior segurança, as atestações realizadas pelo prof. Sílvio Elia, especialmente no tocante às questões da língua e da literatura, em âmbito nacional, durante o século XIX. Uma recensão de outros autores e obras parece ser ainda tarefa fundamental a fim de traçarmos linhas seguras da cisão entre o dialeto português continental e aquele que experienciamos no Brasil.

---

<sup>1</sup> Em termos de pronúncia, a variedade carioca é a que ainda hoje goza de maior prestígio, já que: "As razões da preferência pela (pronúncia) carioca, confirmada em dois Congressos, são: ela é a mais rápida e consequentemente a mais incisiva de todas; ela é a de maior musicalidade; ela é mais elegante e mais urbana das pronúncias brasileiras; ela é *uma síntese de colaboração de todos os brasileiros* e por isso mesmo a mais adaptável a todos eles; enfim, é a que mais se difunde por todo o País (SILVA NETO, 1976, p. 147)

<sup>2</sup> *Serranilhas* são canções pastoris dos antigos trovadores portugueses, também chamadas *serranas*. A fim de ilustrar tal afirmação, retiramos um exemplar de Braga (1877, p. 211-213). Cf. Anexo II.

<sup>3</sup> Braga afirma: "o *turaniano* é uma raça mixta da branca e amarella..." (1877, p. xxix).

<sup>4</sup> Como exemplo destas peculiaridades encontradas nos românticos brasileiros do século XIX, reproduzimos no Anexo III poema encontrado em Braga (1877, p. 160).

<sup>5</sup> Silva Neto (1976, p. 211) atesta que: "A literatura realmente nacional só começa, pois, com os Românticos. Eles foram os primeiros a trabalhar artisticamente a matéria-prima da língua-padrão brasileira", o que será reivindicado por Gonçalves Dias (*op. cit.*, p. 216) "E que, enfim, o que é brasileiro é brasileiro, e que cuja virá a ser tão clássico como porcelana, ainda que a não achem tão bonita".



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José Martiniano de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1893.

BUENO, Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1962.

BRAGA, Theophilo. *Parnaso portuguez moderno*. Lisboa: Empreza Editora de Francisco Arthur da Silva, 1877.

CAMPBELL, Lyle & MIXCO, Mauricio J. *A glossary of historical linguistics*. Edinburgh: Edingburgh University Press, 2007.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. *Noções de história da língua portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1959.

LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Esquisse d'une dialectogie portugaise*. Paris: Aillaud & Cia., 1901.

ORLANDI, Eni. *Teorias da linguagem e discurso do multilinguismo na contemporaneidade*. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

TEYSSIER, PAUL. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VASCONCELLÓZ, António Garcia Ribeiro de. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Paris: Aillaud, 1900.

VIDOS, B. E. *Manual de linguística românica*. Madrid: Aguilar, 1968.

## ANEXO - I

Extrato da *Revista Lusitana* do trecho de autoria de Guilherme Studart sobre a linguagem do Ceará (Ano de 1890-1892, no. II, p. 272-273)

J. L. DE V.

## V

NOTAS SOBRE A LINGUAGEM E COSTUMES DO CEARÁ <sup>2</sup>

«... Aquelle *struir* <sup>3</sup> de varios pontos de Portugal, a tendencia do *e* inicial atono a nasalar-se, e do *en* a trocar-se em *in*, como em *inducção* e *insanguentar*, a transformação do *e* de *Alexandria* em *i*, e as expressões *preguntar*, *jinetta*, *fermosura*, *hai*, *haija*, *inté*, particula-

<sup>1</sup> Em português ha tambem *realocho* (em Condeixa a Velha, onde significa *morda antiga*) e *bagocho* (na Beira-Alta, onde significa *novelto pequeno*), que podem vir de *real* e *bago*; tinhamos pois outro suffixo, -*ocho*, de -*osc'lus*.

<sup>2</sup> [De uma carta que me escreveu o meu amigo Sr. Dr. Guilherme Studart, do Ceará (Brazil), tomo a liberdade de transcrever este trecho, por ser de interesse geral. O Sr. Studart refere-se ao n.º 2 do vol. II da *Rev. Lus.* — J. L. DE V.]

<sup>3</sup> [*Rev. Lusit.* II, 100 sgg.]

ridades que *v.* estudou em a aldeia de Matella, e o *odipois* de Parada de Infanções <sup>4</sup> pertencem ao fallar do povo rude de minha terra.

As phrases *no mês que entra, para o mês que entra*, significando *o mês seguinte* <sup>5</sup>, são tambem muito nossas, e estas até da gente boa e polida.

O que Francisco Manoel de Mello diz na sua *Feira de annerins* sobre os nomes populares dos dedos da mão, e que *v.* aproveitou para a *Miscellanea* da *Revista* <sup>6</sup>, é entre nós um brinquedo muito usual e muito apreciado pelos meninos. O processo consiste no seguinte: faz-se o menino, com quem se vae brincar, abrir a mão, e então, a começar do dedo minimo, cada dedo é chrisnado assim: *dedo mendinho, seu vizinho, maior de todos, fura-bolos* e *cata-piolhos*. Outros dizem *mata-piolho*. Mas o brinquedo não fica nisso. Depois da ennumerção dos cinco dedos, apontando-se para o centro da palma da mão, pergunta-se ao menino: «Onde está o toucinho que estava aqui?» Responde o menino, ou alguém por elle: «O gato comeu». Percorre-se então o braço do menino em toda sua extensão, como si em busca do gato, dizendo que o gato aqui almoçou, aqui jantou, aqui dormiu, aqui fez isto, aqui fez aquillo, até attingir a cava da axilla, terminando o brinquedo por gargalhadas, e sobretudo si o menino tem cocegas e estas despertão nelle tergeitos e momices.

Ahi tem *v.* umas informações transmittidas ás carreiras, desalinhadas.....».

DR. GUILHERME STUDART.

ANEXO - II

O PASSEIO

Não foi nos campos, onde a vida corre  
Plácida, longe do rumor do mundo,  
Onde um suspiro, que nos labios morre,  
Traz o segredo de um amor profundo;

Onde o arreo de cristal deslisa  
Por entre o aroma de mimosas flores;  
Onde parece que a formosa lua  
Respira e sente, como nós, amores!

Não foi nas praias onde as brandas vagas  
Vem á tardinha soluçar, gemer;  
Onde os amantes com o sorrir nos labios  
Sonham venturas de um feliz viver;

Onde a donzella que só pensa e scisma  
Em aureos sonhos, que os amores tem,  
Meiga suspira e arroubada escuta  
Canções do nauta, que do mar lhe vem.

Não; essa noite em que eu feliz sentia  
Sobre o meu braço tua mão pender,  
Entre os ruidos d'esse mundo louco  
Serena vimol-a perpassar, correr!

E no bulicio d'este mundo frivolo  
Entre essa turba sempre louca e van,  
Eu recolhia tuas phrases soltas  
No imo peito com fervor e afan!

Que de venturas em aspirar teu halito;  
Fixar teus olhos que o pudor baixava!  
Manso, bem manso te batia o seio,  
Que eu em delirio contra o meu chegava.

E a voz tão fresca e argentina e pura,  
Que me parece estar ouvindo ainda!  
Se n'este mundo já gozei ventura,  
Foi n'essa noite, n'essa noite linda.

Em puro extasis minha voz tremia,  
Talvez te lembres, descórado estava!  
Tudo o que eu vi era só pompa e risos,  
Tudo de amores e prazer fallava.

Que noite linda, que luar formoso!  
Meu peito ardente de prazer tremia!  
De tuas tranças aspirava o aroma,  
Sobre o meu braço tua mão pedia.

E no bulicio d'este mundo frivolo  
Serena vimol-a perpassar, correr  
A noite linda que me deu prazeres,  
Sonhos, venturas de um feliz viver!

F. VIEIRA DE SOUSA *Parnaso  
maranhense*, p. 119.

ANEXO III

SONETO

Pallida, á luz da lampada sombria,  
Sobre o leito de flores reclinada,  
Como a lua por noite embalsamada,  
Entre as nuvens do mar ella dormia!

Era a virgem do mar, na escuma fria  
Pela maré das aguas embalada!  
Era um anjo entre nuvens d'alvorada  
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...  
Negros olhos as palpebras abrindo...  
Fórmãs nugas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!  
Por ti — as noites eu veei chorando,  
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo!

ALVARES DE ABEVEDO, *Ibid.*  
t. 1, p. 131.